

## Crianças Mangues, Crianças Praças e Crianças Ruas: quando as paisagens se fazem em corpos infantis: espaços albergues para (algumas) infâncias. Contribuições da Geografia da Infância aos deslocamentos forçados infantis

Jader Janer Moreira Lopes  
Ambika Kapoor

**Jader Janer Moreira Lopes**

Universidade Federal de Juiz de Fora,  
UFJF, MG, Brasil

E-mail: [jjanergeo@gmail.com](mailto:jjanergeo@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0003-3510-8647>

**Ambika Kapoor**

University of Sheffield, Sheffield,  
Reino Unido

E-mail: [28.ambika@gmail.com](mailto:28.ambika@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0001-6349-6638>

### Resumo

Este artigo tem por objetivo refletir sobre as variadas infâncias que habitam este planeta e suas relações com o espaço em que vivem. Parte do reconhecimento de que o espaço é uma importante linguagem e que apresenta estreitas relações com a formação humana, incluindo, aí, os bebês e as crianças. O espaço se expressa de variadas formas na vida, em paisagens, em territórios, em lugares. Todas essas dimensões apresentam relações axiológicas que estão nas fronteiras do ser humano e de seu desenvolvimento. Nessa perspectiva, há uma gramática espacial a ser considerada no existir e em todas as situações que envolvem o viver em sociedade. Pautado nos estudos da Geografia da Infância, nosso desejo é contribuir, em especial, com o olhar sobre as crianças em movimentos, em deslocamentos forçados. Uma situação que se debruça sobre as muitas infâncias no mundo contemporâneo e nos diferentes territórios que vivem. Para isso, iniciamos nossa reflexão com o conceito criado pelos autores da Teoria Histórico-cultural: o de vivência (perijvanie) e dele desdobramos para o conceito de vivência espacial (prostranstvennoe perejivanie), em um segundo momento, dialogamos com as narrativas espaciais de algumas crianças, em especial, as crianças que vivem nas ruas da cidade de Nova Déli, Índia, tendo por base pesquisas feitas em anos anteriores, sistematizadas em forma de texto acadêmico. Finalizamos reafirmando a importância de se considerar o espaço nessa vivência. Além dos teóricos e dos dados de campo, o texto é escrito tendo como fio condutor o diálogo com Josué de Castro e sua importante obra “Homens e Caranguejos”.

**Palavras-chave:** Vivência Espacial [“пространственное переживание”]. Infâncias em deslocamentos. Linguagem Espacial.

Recebido em: 10/03/2022

Aprovado em: 17/02/2023



## Abstract

### **Mangrove Children, Square Children and Street Children: When landscapes are made in children's bodies: shelter spaces for (some) childhoods. Contributions of Childhood Geography to displacements child forced**

This article aims to reflect on the childhoods that inhabit this world and their relationships with the space in which they live. It starts from the recognition that space is an important language and that it has relationships with human formations, including babies and children. Space is expressed in different ways in life, in landscapes, in territories, in places. These large dimensions propose axiologicals that are on the frontiers of all and their development. From this perspective, there is a spatial grammar to be considered in existing and in all situations that involve living in society. Based on the studies of the Geographies of Childhood, our aim is to contribute, in particular, to ways of looking at children in movement, subjected to forced displacements. A situation that involves many childhoods in the contemporary world and in the different territories they live. We started our reflection with the concept created by the authors of the Historical-Cultural Theory: experience (perijvanie) and from it we unfolded to the concept of spatial experience (prostranstvennoe perejivanie), in a second moment, we dialogue with the spatial narratives of some children, especially, children who live on the streets of the city of New Delhi, India, based on research carried out in previous years, systematized in the form of an academic. We conclude by reaffirming the importance of considering space in this experience. In addition to theoretical and field data, the text is written having as a guide the dialogue with Josué de Castro and his important work "Homens e Caranguejos" [Men and Crebs].

## Keywords:

Spatial Experience  
[“пространственное переживание”].  
Childhoods in displacement.  
Spatial Language.

## Resumen

### **Niños Manglares, Niños Cuadrados y Niños de la Calle: Cuando los paisajes se hacen en los cuerpos de los niños: espacios de acogida para (algunas) infancias. Aportes de la Geografía de la Infancia a los desplazamientos niño forzado**

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre las diferentes infancias que habitan este planeta y sus relaciones con el espacio en el que viven. Parte del reconocimiento de que el espacio es un lenguaje importante y tiene estrecha relación con la formación humana incluyendo, los bebés, los niños y las niñas. El espacio se expresa de formas diversas en la vida, en paisajes, en territorios, en lugares. Todas estas dimensiones presentan relaciones axiológicas que están en las fronteras del ser humano y de su desarrollo. En esta perspectiva existe una gramática espacial que debe ser considerada. A partir de los estudios de la Geografía de la Infancia, nuestro deseo es contribuir, en particular con la mirada a los niños y niñas en movimiento, en desplazamientos forzados. Una situación que involucra muchas infancias en el mundo contemporáneo y en los diferentes territorios que habitan. Iniciamos nuestra reflexión con el concepto creado por los autores de la Teoría Histórico-Cultural: experiencia (perijvanie) y de ahí se desdobra al concepto de experiencia espacial (prostranstvennoe perejivanie), en un segundo momento, dialogamos con las narrativas espaciales de algunos niños, especialmente, niños que viven en las calles de la ciudad de Nueva Delhi, India, basado en investigaciones realizadas en años anteriores, sistematizado en forma de texto académico. Concluimos reafirmando la importancia de considerar el espacio en esta experiencia. Además de datos teóricos y de campo, el texto está escrito teniendo como guía el diálogo con Josué de Castro y su importante obra "Homens e Caranguejos" [Hombres y cangrejos].

## Palabras clave:

Vivencia Espacial  
[“пространственное переживание”].  
Infancias en desplazamiento.  
Lenguaje Espacial.

## 1- Os mangues, as praças e as ruas

Os mangues do Recife, são o paraíso do caranguejo. Se a terra foi feita para o homem com tudo para bem servi-lo, o mangue foi feito essencialmente para o caranguejo. Tudo aí é, ou está para ser caranguejo, inclusive a lama e o homem que vive nela. A lama misturada com urina, escremento e outros resíduos que a maré traz, quando ainda não é caranguejo vai ser. O caranguejo nasce nela, vive dela, cresce comendo lama, engordando com as porcarias dela, fabricando com a lama a carinha branca de suas patas e a geleia esverdeada de suas vísceras pegajosas. Por outro lado, o povo daí vive de pegar caranguejo, chupar-lhe as patas, comer e lambe os seus cascos até que fiquem limpos como um copo e com sua carne feita de lama fazer a carne do seu corpo e a do corpo de seus filhos. São duzentos mil indivíduos, duzentos mil cidadãos feitos de carne de caranguejos. O que o organismo rejeita volta como detrito para a lama do mangue para virar caranguejo outra vez. (CASTRO, 1967, p. 28-9)

Em 1967, é publicada a obra “Homens e Caranguejos”, um romance que se tornaria um clássico, de Josué de Castro, um grande intelectual brasileiro, nascido na primeira década do século XX, mais precisamente em 1908, na cidade de Recife, região nordeste do Brasil. Sua vida foi dedicada a enfrentar um dos problemas mais cruéis da existência humana: a fome. Foram inúmeras obras desse geógrafo que também acumulava, em sua formação, outros campos de conhecimentos, vez que também era médico, professor, entre outras profissões. Todos os seus textos e trabalhos tinham essa temática como centro: o comer e o não comer, ou seja, a questão alimentar que atravessava e compunha a vida de diversas pessoas em nosso território e no mundo. Era sobre a fome humana que ele iria se debruçar a vida inteira. Em suas pesquisas, transitava entre a estética literária, como nesse livro, que, inclusive, tem, ao final de seu título, entre parênteses, a palavra “romance”. Talvez ele o faça para alertar ao leitor de que o texto transita entre os gêneros discursivos, tratando questões de cunho acadêmico, como as da macroestrutura social, política e econômica, mas também a expressão da fome no cotidiano da vida de homens, mulheres e crianças. É nesse contexto que ele escreve a epígrafe que escolhemos para abrir este texto: o ser “homem” caranguejo afundando constantemente no mangue e como esses seres, presentes nessa paisagem, alimentavam os seus muitos moradores.

Esse romance narra, assim, a vida de vários habitantes do manguezal presente nos arredores desta cidade brasileira, Recife, e, em especial, traz, pelo olhar de João Paulo, uma das crianças dessa localidade, o viver nesse local, onde, como demonstram as palavras do próprio autor, homens, mulheres e crianças se misturam ao lamaçal e se fundem com ele no ciclo de renascer como ser humano e como caranguejo. Assim, é o próprio João, em uma manhã, ao despertar e sentar-se à mesa para sua alimentação matinal, que faz uma pergunta para seus familiares:

Com os apitos das fábricas João Paulo desperta. Ainda com os olhos fechados o menino se assenta sonolento em seu leito de palha. Esfrega desajeitado o rosto com as palmas das mãos, abre os olhos ainda meio adormecidos e se espreguiça num bocejo. Depois, olhando em torno, dá com os olhos nos dois irmãos menores- que dormem num outro canto do cubículo e com os pais sentados à mesa,

tomando a refeição da manhã. Com uma voz cansada, ele estende a mão na direção do pai e diz: - "Benção, pai, benção, mãe."  
- "Deus lhe abençoe, meu filho!", é a resposta dos dois. [...] Senta-se à mesa e, com seus pais, começa a beber o caldo de caranguejo cosido com água e sal e a chupar os cascos e as patas dos caranguejos. Os dois irmãos menores continuam dormindo encolhidos e enrolados numa colcha de retalhos, enquanto seus pais comem em silêncio. Com a boca cheia da carne branca de caranguejo, João Paulo pergunta: - "Pai, por que a gente veio morar aqui no manguê?"  
- "Porque quando viemos do interior foi aqui que encontramos a nossa terra da Promissão, o nosso paraíso", responde Zé Luís com uma voz tranquila.  
- "Paraíso dos caranguejos", acrescenta em tom de revolta a mãe de João Paulo (CASTRO, 1967, p. 32-33).

O “vir do interior”, presente nas palavras do pai de João Paulo, apesar de agrupar poucos vocábulos, possui uma grande extensão geográfica. A linguagem tem essa força. Por ser algo muito além da grafia, pode expressar larguras de espaços e tempos, as quais, mesmo, aparentemente contidas nos limites do dito, geram escalas alargadas. Por isso, toda linguagem é também geografias do viver. E, por ser geografias do viver, é uma das formas de encontrar e compreender a vida das pessoas nos espaços que as expressam e as refugiam. É o caso dessa enunciação, que, aparentemente, é do pai daquela criança, mas nela estão presentes milhares de pessoas que se descolam de muitos “interiores” (aqui também entendido em seu sentido acrescido) e chegam a seus muitos mangues (lembramos que há muitas formas de os espaços serem mangues), em locais possíveis de serem habitados.

Esses lugares, que se tornam, por forças diversas, espaços albergues para acolher corpos excluídos de seus territórios de origem e que criam os movimentos humanos na superfície terrestre ao longo dos tempos, ao guardarem a concepção de “lugares possíveis de serem habitados” (aqui, novamente voltamos às palavras que são sempre geografias), não excluem as suas precariedades. Ao contrário, o possível está posto nas contradições que vivem também em qualquer termo forjado pela linguagem humana. Nos movimentos de pessoas, sejam eles quais forem, estão sempre conjugadas as condições temporais e espaciais e, nesse último, as muitas expressões que dele se emanam, como os territórios, as paisagens e os lugares, as geografias do existir como ser social.

Por isso, é necessário evidenciar que o espaço é uma categoria fundamental da existência humana. Se não há vida fora do tempo, também não há vida fora do espaço. Bakhtin (2014) nos legou um importante conceito: o de cronotopo, para deixar explícita a indissociabilidade que a ocidentalidade, transvestida de modernidade, separou de forma cirúrgica: o *cronos* dos *topos*.

O tempo linear e produtivo da reprodução do capital e o espaço, como superfície de circulação, movimento e pontos geometricamente marcados por suas localizações, fundaram-se nos pilares da infraestrutura econômica que se tornaria hegemônica no início e pós-processo colonial (que se atualizou para um processo de colonialidades), constituindo, também, o imaginário social que acomete cada um de nós: a vida como uma redenção em um ponto futuro a ser alçado, em paisagens que passam por nós,

velozmente nos deslocamentos diários e em outras temporalidades, como algo externo e descolado do nosso ser, que não está em nós. Corpos-mercadorias, afásicos de suas linguagens geográficas e históricas.

Essa condição indissociável é preconizada por Lopes (2021) ao não desvencilhar o contexto (e nele o espaço) da vida em sua existência como fonte social. Com isso, chegamos a um outro conceito-chave, um vocábulo construído por L.S. Vigotski (2006, 2018) que é o de vivência (*perejivanie*).

Esse conceito se tornaria central nos trabalhos desse estudioso nascido na Bielorrússia, no dia 17 de novembro de 1896, e que depois passaria parte de sua curta vida em Moscou, junto ao Instituto de Psicologia da cidade. Ali, em parceria com outros pesquisadores (como A. Luria e A. N. Leontiev), eles sistematizariam o que, hoje, denominamos Teoria Histórico-Cultural.

Essa teoria envolve uma nova concepção de pensar o ser humano e seus processos de desenvolvimento, buscando tensionar os principais axiomas da época que configuravam uma forma de olhar e conceber os bebês, as crianças, os jovens e os adultos em bases eminentemente biológicas. Em seus estudos, diversos conceitos são sistematizados, entre os quais, a noção de vivência.

Vivência seria a unidade forjada entre o ser humano e o meio, mas mediada por sua condição autoral, de compor o novo, de reelaborar de forma criadora esse meio que lhe é ofertado pelas gerações que nos precedem, rompendo, assim, com as condições das clássicas teorias do determinismo geográfico, muito fortes no final de século XIX e início do XX, que pautavam as explicações do processo de humanização, de diversidades e diferenças.

As teses do determinismo geográfico tiveram suas bases desenhadas a partir das concepções do geógrafo alemão Friedrich Ratzel (1804-1904). Para ele, o ambiente seria fundamental no desenvolvimento de uma sociedade, na medida em que pode oferecer melhor ou pior acesso aos recursos naturais e a algumas formas do espaço físico (por exemplo, acesso ao mar, cadeias de montanhas, entre outros), o que levaria a diferentes possibilidades de progresso e de se tornar um estado forte, uma nação hegemônica frente às demais. Uma das marcas de seus postulados é a criação do termo *Lebensraum* (Espaço vital/Espaço de Vida). As interpretações simplificadas e resumidas decorridas do termo acabaram por criar a lógica do determinismo ambiental, ou seja, a concepção de que o ambiente determina a fisiologia, a psicologia humana e, portanto, a “natureza social” do humano.

Os desdobramentos de seus estudos e o próprio determinismo geográfico seriam duramente criticados, nos anos posteriores, por outras escolas geográficas. Apesar disso, ainda aparecem presentificados, de forma velada ou explícita, em muitos estudos contemporâneos, quando o tema é, exatamente, esse binômico pessoas-espacos e, com ele, a crença de que a organização espacial, a disposição de seus elementos, suas formas definiriam a vida e o viver. Basta acessar muitos trabalhos, por exemplo, no campo da Educação ou em outras áreas que buscam refletir sobre esses liames, em que, não raro, há um olhar para esse fenômeno esquecendo as bases filosóficas que o fundaram. Kravtsov (2014) nos reporta aos

problemas que isso gera, ao falar do negligenciamento de muitos estudos psicológicos do campo da filosofia: “A não reflexão sobre as bases filosóficas das teorias psicológicas frequentemente leva a um monstruoso ecletismo quando se junta o que é incompatível. À cabeça de um animal se acopla o corpo de outro e o rabo de um terceiro. Como resultado, temos um monstro imprestável” (KRAVTSOV, 2014, p. 30).

O próprio Vigotski, que iria enfrentar tanto o determinismo biológico quanto o geográfico presente em seu tempo, tratou de romper com esses postulados, ao conceber o próprio conceito de vivência, como pode ser percebido em sua afirmação:

Em primeiro lugar, gostaria de apresentar o que, brevemente, já destacamos. Precisamente, para uma compreensão correta do papel do meio no desenvolvimento da criança, é necessário investigá-lo **não com parâmetros absolutos**, mas relativos, se for possível assim expressar. O meio **não** deve ser estudado como um ambiente de desenvolvimento que, por força de conter determinadas qualidades ou características, já define pura e objetivamente o desenvolvimento da criança. É sempre necessário abordá-lo do ponto de **vista da relação** existente entre ele e a criança numa determinada etapa do desenvolvimento (VIGOTSKI, 2018, p. 74, grifos nossos).

Nesse sentido, ao pensarmos a dimensão cronotópica da vida e a vivência como a unidade central da consciência, que gera o desenvolvimento humano a partir de suas aprendizagens e, assim, aportamos nossas reflexões no desdobramento desse conceito e reconhecemos que tanto o tempo histórico quanto o espaço geográfico são dimensões que estão simultaneamente nesse processo. Falamos, dessa forma, de uma **vivência espacial** (“*пространственное переживание*”) - [*prostranstvennoe perejivanie*]<sup>1</sup>, que ocorre nos processos de espacialização da vida e que precisa ser considerada na compreensão de qualquer evento que envolve as dinâmicas sociais e humanas.

Isso se torna necessário porque a expressão do social no espaço se faz de forma diferencial. Um mesmo evento não tem a mesma espacialização. As grandes narrativas, que muitas vezes nos cegam em sua busca e imposição de hegemonia universal, são fraturadas quando a linguagem espacial as atravessa. Milton Santos (2006) exemplifica isso, ao expor as relações das técnicas humanas com o espaço produzido pelo humano, pois ela é um elemento fundamental (para ele, a principal relação) entre as pessoas e o meio. Porém, a criação de um conjunto de técnicas na história não é acompanhada pelo mesmo acesso de todos os povos a elas.

Este artigo tem por objetivo refletir sobre as variadas infâncias que habitam este planeta e suas relações com o espaço em que vivem. Para darmos continuidade às nossas reflexões, vamos trazer duas situações, localizadas geograficamente em dois pontos distantes do planeta<sup>2</sup>, que se juntam à vida de João

<sup>1</sup> Tradução do conceito por George Yurievitch Ribeiro.

<sup>2</sup> Os registros envolvendo a vida dessas crianças fazem parte de pesquisas desenvolvidas no Brasil e na Índia e que foram sistematizadas e publicadas nos respectivos países. Para diferenciá-las, usaremos: cidade, sobrenome do autor, ano.

Paulo, já parcialmente relatada no início deste texto e que se relacionam com o que discorreremos até o momento. A primeira se passa em **Niterói - Rio de Janeiro – Brasil**.

Discorro sobre uma praça localizada em uma cidade de, aproximadamente, 600 mil habitantes, um espaço urbano situado em uma região metropolitana brasileira, onde desenvolvia meu local de trabalho. Diariamente, eu passava por ela para chegar ao meu lugar de ofício. Foram anos fazendo esse movimento pendular. Nessa praça, havia uma família e outras pessoas, entre elas, crianças. Entre elas, um bebê. Eu nunca soube o nome desse bebê ou das outras crianças. Mas os anos de trabalho nessa instituição me permitiram ver seu crescimento. A praça era seu espaço de vida e de viver. Podia olhar diariamente seu crescimento. Mesmo observando distante, o bebê ia se tornando uma criança, ainda sem nome para mim. Chamava-o apenas por criança: “lá está a criança”, “veja a criança”, “a criança está crescendo”! Ali ela brincava com as outras, interpelava pessoas que passava. Quando ficou maior, passou a transitar entre os carros que paravam em um sinal de trânsito que existia logo em frente. A praça era a paisagem, o território e lugar daquele bebê, que virou uma criança, cujo nome eu nunca soube. Com o tempo, passou a ser chamada por mim e outras pessoas de a “Criança da Praça”, era seu nome próprio. O espaço adjetivava a vida.

Um dia, esse batismo se rompeu. Ao chegar para o trabalho e olhar para aquela forma na paisagem, nenhuma daquelas pessoas estava mais ali, não sabia o que acontecera, dizer para onde tinham ido. Nenhum deles, nenhum de seus objetos. Tudo havia sumido. Nunca mais os veria. A criança com nome amalgamado pela praça poderia ter qualquer outro nome agora. Talvez fosse também João, como o João, o grumete, ou João Paulo, a criança anfíbia, talvez João Mudante! Aquelas pessoas poderiam ser uma família de mudantes, desses andantes que vão em seus movimentos, fazendo suas pausas, quando é possível. (Niterói, Lopes, 2021)

A segunda situação se passa em **Nova Deli - Índia**.

Ao passar pela rua perto do mercado no centro de Delhi, observei uma grande lata de lixo municipal pendurada entre duas hastes e na qual uma garota balançava. Essa imagem me marcou profundamente, me perguntei sobre os diferentes tipos de infâncias e me fez pensar nos espaços infantis e como as crianças usam engenhosamente os diferentes espaços para fazer diferentes atividades. Também pensei na vida dela: onde ela morava? Ela mora com a família ou com outras crianças como ela? Que tipo de encontros ela tem em sua vida cotidiana? Ela estará aqui na próxima vez que eu passar? (Nova Deli, Kapoor, 2010)

Apesar das distâncias entre esses dois espaços, há um evento comum entre eles: o grande tempo (BAKHTIN, 2014) que se instaurou em escala global e que continua jogando muitas pessoas para viver para além de seus territórios originais, criam esses espaços albergues, pontos de refúgios, os “espaços possíveis” para alguns, inclusive, para algumas infâncias.

São espaços que acolhem famílias inteiras, abrigo de pessoas sem abrigo, migrantes marcados por suas escalas de deslocamento, que podem ser alargadas, mas também curtas, que, na errância do movimento, são balizas de pausa, um espaço aberto que gera a condição de intimidade com o espaço, esse afeto espacial, tão necessário à condição humana, como qualquer outro sentimento ou emoção. Essas pessoas também estão em refúgios, em cruzadas, em andanças e em buscas de praças e ruas que possam tornar-se seus albergues espaciais, suas geografias do existir.

Esse liame, essa tênue película entre o social e o individual, entre o global e o local, é que faz as geografias se encontrarem com as linguagens. Distante das condições de superfícies lisas que acolhem corpos, são forças do espaço em enunciações e que, por isso, fundem-se na unidade da vivência humana,

um ser também linguageiro. Há um **idioma espacial** a ser considerado. Por isso, não são espaços assépticos, são axiologias em disputas, arenas sociais edificadas pelo grande tempo, mas erguidas no chão dos territórios em que se fazem como paisagens.

Em qualquer condição migrante, estão em jogo muitos elementos, como a origem territorial, a escala da migração, os fatores que expulsam, os fatores que atraem e muitas outras coisas, mas há um ponto fundamental a ser resgatado: o da arena espacial criada por essa condição. A disputa entre o espaço imaginado e desejado tanto daqueles que chegam quanto daqueles que já estão. Por isso, neste texto, vamos entender os movimentos migratórios em suas variadas escalas, inclusive aqueles expatriados em sua própria pátria, pois queremos abordar esses anseios, essas aspirações que estão na vivência espacial e que se fazem em linguagens, em aproximações e, também, muitas vezes em conflitos, bem como as diferenças desses processos.

E faremos isso a partir dessa **gramática espacial**, desse **vernáculo espacial**. Nosso desejo, aportado nos postulados da Geografia da Infância, é trazer contribuições ao debate envolvendo as crianças em movimentos, sejam eles quais forem.

Para isso, vamos assumir essa condição da linguagem que é também geografia e estar com crianças presentes nas ruas, nas praças, nas calçadas e em outras localidades, nesses territórios tensos pelas fronteiras geradas por aqueles que os vivenciam, pois nenhuma vida humana se encerra nela mesma, havendo sempre relações e extensões.

A escolha dessas páginas escritas por Josué de Castro demonstra nosso desejo de colocar em testemunho todas essas situações, pois o que estamos falando é de crianças mangues, crianças praças e crianças ruas. Sobre essas temáticas é que este texto irá se debruçar: quando os corpos infantis se (a)fundem(dam) na paisagem.

## 2- Corpos em paisagens e paisagens em corpos: histórias feias e albergues espaciais

Nas noites de lua cheia, os vizinhos vêm se sentar em frente ao mocambo de Zé Luiz para contar ou para ouvir histórias. Se a noite é fresca como a de hoje, soprando um ventinho carregado do cheiro dos sargaços, eles se acoram em torno a uma pequena fogueira de varas de mangues e aquecem o corpo ao calor do fogo e de alguns goles espaçados de cachaça.

João Paulo encosta-se na parede de barro do mocambo e se regala com estas histórias. Principalmente, quando é o próprio pai que conta, o que raramente acontece. Hoje é um destes grandes dias. Porque a verdade é que Zé Luiz não é homem de falar muito, de se derramar em confidências. Ao contrário, ouve mais do que fala. Só bem poucas vezes ele se abre e deixa aparecer seus sentimentos mais íntimos. Nesta noite, insistiram com ele para contar como viera parar nos mangues. Como viera habitar a Aldeia Teimosa. Ele cedeu à insistência. É possível que para dar prazer a João Paulo, cujos olhos vivos, fixados nos olhos do pai, eram uma verdadeira súplica. Não tinha ele prometido contar ao filho, um destes dias, a sua odisséia descendo do sertão até encontrar os mangues?

Contaria hoje... E - contou . . .[...]

- História de fome não é história que se conte – começou Zé Luiz - é só tristeza. Tristeza e vergonha. História feia. Mas, se vocês querem, eu conto assim mesmo. Conto a tristeza e a vergonha que a gente passou na seca de 1947. (CASTRO, 1967, p. 71-72)

Zé Luiz começou a contar a sua história. Palavras encharcadas de emoções sentidas ao ler as linhas em que foram registradas e se perenizaram, palavras encharcadas de secas, de rios não perenes, de mortes, de sofrimentos, de escassez da água, palavras alagadas de geografias. Vamos ouvir alguns sussurros de sua voz em torno da roda de fogueira:

- Até então, a gente vivia feliz no sertão de Cabaceiras. É verdade que é o município mais seco do Nordeste e, de vez em quando, a gente se aperreava com a falta de chuvas [...] - Mas, em 1947, as coisas ficaram pretas. Nunca vi uma seca tão danada. Não havia para onde apelar. Secara tudo: o vale e a serra [...] Em poucas semanas, o gado começou a entrevar de fome, e ficar com os quartos duros, sem poder andar [...] E começamos a morrer de sede. Foi aí que se deu a tragédia que me fez perder o amor pela minha terra (CASTRO, 1967, p. 72-73).

E Zé Luiz contou muito mais. O chão e o céu secos, aparentemente, trouxeram a dureza da história que se abateu sobre sua família e os fizera perder o amor ao lugar e se colocar em andanças na busca de novos espaços. Contudo, nas geografias do existir, não se pode criminalizar as paisagens de um local, sua atmosfera, seu tempo e clima, pois, desde que a natureza se fundiu à sociedade, uma não está isolada da outra. É o “clima” dos homens que cria os pequenos e os grandes deslocamentos. Isso porque o clima da natureza pode ser, muitas vezes, reconfigurado pelas técnicas. Aprendemos isso com Milton Santos (obra citada), com quem também aprendemos que ela se distribui de forma muito desigual.

Foi assim, perdendo o amor por essa paisagem, que essa família chegou à Aldeia Teimosa, nome forte para abrigar pessoas fortes, marcadas pelas paisagens lentas dos sofridos deslocamentos que nunca parecem ter fim. Foi assim que vieram habitar o mangue, terras úmidas de pessoas e caranguejos. Nos movimentos migratórios, essas paisagens se misturam, andam juntas e são carregadas nos deslocamentos. Mesmo que congeladas como lembranças, estão em nós.

Nessas vivências espaciais está a presença de uma outra marca das teorias vigotskianas, dos postulados da Teoria Histórico-Cultural: o processo de enraizamento. Contrapondo-se às noções básicas do interacionismo social e dos processos de internalização, esse processo aponta-se nessa condição de viver à moda paisagem, de ser paisagem (LOPES, 2021). Zé Luiz, sua família e muitos outros migrantes que chegam à Aldeia Teimosa passam, como as árvores do mangue, a se enraizar na paisagem e essa neles. O mangue é o albergue espacial que acolhe a condição do refúgio. Pessoas caranguejos, mas, também, pessoas paisagens.

E como as paisagens são forças elementares da constituição do ser humano, com suas semânticas, fazem-se em linguagens em nossas relações com os espaços. Por isso, falamos, anteriormente, em idiomas espaciais como uma das margens do viver, um dos idiomas que nos colocam no mundo como seres em

linguagem. As pujanças espaciais se fazem também nas nossas vivências espaciais. Recordemos uma passagem de Silvia e Milito (1995, p. 78):

Uma mendiga que ocupava a praça onde atua o projeto “Se Essa Rua Fosse Minha”, no Leblon, estabelecia “precisas” paredes que delimitavam sua área doméstica do espaço circundante em que os meninos corriam. Um dos pesquisadores foi por ela agredido sob a acusação de “branca azeda e maconheira”, por ter transpostos os invisíveis umbrais. Nesse espaço delimitado, eram frequentes os atritos entre a ‘moradora’ e os meninos do plantão, que não raro jogavam areia e detritos em seus aposentos, desfazendo, propositalmente, sua constante limpeza. Ela, em contrapartida, multiplicava-se em impropérios, brandindo uma velha vassoura, ao mesmo tempo arma e instrumento de limpeza.

Ao reconhecer que as palavras, as corporeidades, os enunciados, os gestos, os movimentos, todos os enunciados são também geografias que tecem nossos enraizamentos no mundo, pensemos nas crianças, nas infâncias. Pensemos nas possíveis formas de estar no diálogo com as muitas diferenças que se interpõem nessas relações. As alteridades geográficas gritam alto. Devemos ouvi-las, em quaisquer condições, pois há muitas possibilidades de expressar as condições dos movimentos infantis.

O olhar pelo viés espacial (essa é a proposta da ciência geográfica e dela se nutrem os estudos da Geografia da Infância) significa não olhar apenas o movimento em um espaço como superfície, mas a totalidade, a unidade e o enraizamento que o formam, em suas condições materiais e simbólicas, que envolvem, inclusive, suas variadas escalas e criam a condição de “ser paisagens”.

Olhando pelas espacialidades, por geografias languageiras, podemos encontrar, por exemplo, as crianças mudantes (LOPES, 2003). Um grupo de crianças as quais, pelas escalas geográficas das formas de olhar as migrações, eram (e ainda são) constantemente invisibilizadas pelas categorias oficiais de classificação desses movimentos.

As crianças mudantes surgem nas palavras de uma criança, Mauro, quando, em uma roda de pesquisa envolvendo uma investigação sobre crianças consideradas migrantes, interrompe e aponta essa sua diferente condição:

Em um dado momento, Mauro interrompeu e apontou que ele e seus familiares nunca tinham mudado entre cidade ou estado, mas que já haviam mudado muito dentro da própria cidade. Mudanças motivadas quase sempre por outras questões gramaticais, que juntam verbos, substantivos, adjetivos e advérbios com os pronomes: não poder pagar aluguel, taxas de água, fornecimento de eletricidade, por questões de violências que envolvem algumas das localidades por onde viveu. Foi no meio de tudo isso que ele me afirmou: “[...] não somos migrantes...então somos mudantes” (LOPES, 2021, p. 60)

Ou, ainda, nas narrativas de duas crianças brasileiras em um território estrangeiro, quando se desenvolvia uma pesquisa envolvendo as crianças refugiadas nesse país sobre os elementos espaciais que deveriam entrar no mapa da cidade. A cartografia da cidade local era recheada de formas no espaço com bases em uma perspectiva adultocentrada, elementos de grande escala, de importância histórica, visíveis de vários pontos da cidade, entre outros. Mas, para aquelas duas crianças, o valor estava em outras referências: a estátua de um urso era o início da subida do centro da cidade; a cabine telefônica no clássico estilo inglês

era referência de outro local, estátuas de mineradores, de vacas e outros eram os focos de seus posicionamentos no espaço. Na cartografia narrada por elas, as referências adultas eram para os adultos, mas as das crianças também deveriam ser consideradas. Os mapas abrigam as pessoas e os lugares.

Desloquemo-nos para outro território para acessar esse caleidoscópio de infâncias do mundo contemporâneo e suas diferentes oportunidades de ser paisagem: paremos um pouco mais em Nova Déli, em uma pesquisa sobre as crianças das ruas dessa cidade (KAPOOR, 2010) para trazer alguns diálogos entre as Organizações Não Governamentais - ONGs - e as crianças que vivem nesses locais. Aqui, novamente, nosso interesse é trazer a importância de se pensar essas diferenciadas formas de enraizamentos e alteridades espaciais. Aqui não nos interessam, neste momento, as origens, os pontos de suas partidas, mas a rua como chegada e como albergue espacial. Enraizamentos. Seres paisagens.

Sempre pensamos em uma criança em uma configuração familiar que oferece abrigo, proteção e cuidado. No entanto, há muitas que vivem em circunstâncias muito difíceis. Na Índia, existem milhões de crianças que passam a infância nas ruas, estações ferroviárias, abrigos, vivendo no limite e vivendo cada dia como é. Apesar da relativa alta visibilidade das crianças de rua, há poucas informações disponíveis sobre seus números exatos. No Brasil, a presença de crianças em situação de ruas é algo, também, alarmante. Nos últimos anos, houve um aumento significativo de famílias e muitas outras formas de agrupamentos sociais nos espaços públicos, algo presenciado não apenas nos grandes centros urbanos, mas também nas cidades médias e pequenas.

Segundo a Comissão de Direitos Humanos das Nações Unidas, na Índia, existem cerca de 11 milhões de crianças que identificam a rua como sua casa. Uma definição básica de criança de rua, de acordo com o dicionário Oxford, é "uma criança desabrigada ou negligenciada que vive principalmente nas ruas". O depoimento destaca duas peculiaridades sobre as crianças de rua: o lugar que ocupam (as ruas) e a ausência de contatos ou vínculos adequados com os adultos na casa da família e na sociedade. Isso resume muito do pensamento por trás dos estudos de crianças de rua na década de 1980.

De acordo com uma definição consensual de ONGs, crianças de rua são aquelas “para quem a rua... mais do que sua família se tornou sua verdadeira casa, uma situação em que não há proteção, supervisão ou direção de adultos responsáveis” (ENNEW, 1994, p. 15).

No entanto, era importante reconhecer que as crianças de rua não são um grupo homogêneo, mas experimentam diferentes circunstâncias e estilos de vida. Assim, a despeito de a aparente escala geográfica (a rua) ser única, há muito o que se considerar.

As crianças que usam a rua como sua casa, seu local de trabalho e seus locais de lazer não estão fora de contato nem fora de lugar. Sua posição de “sem lugar” tem a ver com o olhar da classe média que tem uma compreensão inquietante delas como vítimas a quem foi negada uma infância “ideal” (MUKHOPADHYAY, 2006). Enquanto as crianças apenas circulam ou brincam nas ruas, nós as

consideramos “normais”. Como as crianças que vivem na rua não se enquadram na ideia de infância “adequada”, elas são vistas como “anormais” ou “sem infância” (PANTER-BRICK, 2000). Portanto, a abordagem que reduz a criança de rua a “vítima” deixa de reconhecer suas notáveis iniciativas, resiliência e engenhosidade demonstradas por elas em lidar com circunstâncias difíceis.

Consequentemente, muitos estudos (MANIHARA, 1997; PANDEY, 1991) procuram as “causas” por trás do fenômeno “criança de rua” e desenvolvem estratégias baseadas em “características compartilhadas” universais, em vez de olhar para as circunstâncias únicas dentro dos ambientes individuais em que as crianças estão negociando suas vidas (MCFADYEN, 2004), homogeneizando-as, assim, como “crianças de rua”.

Em Kapoor (2010), a maioria das crianças teve algumas experiências positivas de apoio de ONGs. O sistema de oferecimentos de apoio por parte dessas organizações variava. Assim, havia crianças que usufruíam dos serviços dessas organizações de 2 a 3 horas diárias, como também em programas de abrigo de 24 horas. Houve conflito apenas quando o regulamento da ONG restringiu sua livre escolha, como o desejo de voltar para casa.

Embora a ONG tenha sido capaz de trazer mudanças positivas, o espírito livre das crianças constantemente se ressentiu. Um deles, que costumava vender amendoim na estação ferroviária disse: “*khuli jaghan thi, ghoomte firte the, khud kaam karta tha, kisi ke liye nahi*” (havia espaço aberto, eu podia me mover livremente, trabalhar em meus próprios termos e não prestar contas a ninguém) (C3, 14 anos, Saathi); (Índia, Kapoor, 2010)

Eles são nostálgicos em relação à liberdade, autonomia e controle sobre as vidas que tinham quando estavam fora do vínculo institucional: “*Theek tha vo kaam, Yahan se zada accha lagta tha*” (estava tudo bem, parecia melhor que aqui) (P1, 16 anos, Prayas); (Índia, Kapoor, 2010). Isso aponta para o fato de que o funcionamento das ONGs deve permitir a expressão do livre arbítrio, garantindo espaço para expressão.

Parece que as crianças, a despeito dos repetidos ressentimentos acerca dos ritmos e restrições impostos pelas organizações, gostaram da segurança física e emocional presentes nos centros que pertenciam a essas instituições para onde eram levadas. As ONGs atendem às necessidades básicas das crianças, fornecendo também insumos vocacionais. A maioria que expressou insatisfação foi exatamente por conta das regulamentações impostas em relação às quais elas pareciam transmitir sentimentos contraditórios no que concerne à atenção ou mediação que receberam. Assim, punição, dinâmica de pares e liberdade regulamentada foram razões apontadas pelas crianças para gostarem de uma ONG: “*thoda hi maan lagta hai kyunki band karke rakhte hain*” (infeliz porque eles nos trancam) (C1, 14 anos, Saathi); (Índia, Kapoor, 2010); “*bohot accha lagta hai; humein yahan maza aata hai*” (sentimo-nos muito bem enquanto nos divertimos) (K2, 13 anos, khoj); (Índia, Kapoor, 2010); “*yahan aakar mauj masti karte hain, dhool mitti se door*” (depois de vir aqui, nos divertimos muito, ficando longe da poeira) (K4, 14 anos,

khoj); (Índia, Kaapor, 2010); “*accha hai kyunki yahan sikhaya jaata hai, jo ghar par nai milta yahan mil jaata hai*” (É bom porque se ensina aqui, o que não se encontra em casa se encontra aqui.) (S2, 13 anos, Salaam Baalak Trust); (Índia, Kaapor, 2010); “*itna accha nai hai, yahan log toh theek hain par safai nahi hai*” (não é muito bom, as pessoas são boas, mas o lugar não é limpo) (S2, 13 anos, Salaam Baalak Trust); (Índia, Kaapor, 2010).

As crianças são capazes de visualizar objetivamente as instalações. Eles encontraram muitos eventos e situações que evocaram respostas mistas. As crianças tinham pontos de vista e opiniões para pequenas e grandes questões. Eles acharam o lugar sujo e a comida com falta de qualidade por causa das mudanças dos fornecedores. Estar fora da família ou sem a proteção consistente e o futuro incerto não impediram seu pensamento e habilidades analíticas.

As crianças também podem refletir sobre os horários diários e a natureza das instalações. Além da vontade de sair, as crianças eram críticas e não se mostravam satisfeitas com a comida. Às vezes, as organizações pareciam perfeitas. Em Khoh, por exemplo, as crianças sugeriam poucas mudanças. Isso talvez advenha do fato de que, nesse caso, o contato com a instituição era apenas por 2-3 horas e, depois disso, elas estavam livres para desenvolver as atividades que quisessem.

Todas as quatro crianças entrevistadas não foram capazes de compreender a relevância da alfabetização. Embora estivessem cientes dos insumos educacionais fornecidos pela ONG, o aprendizado não era visto como benéfico para suas vidas imediatas. Vale notar que as crianças também puderam transmitir que a educação está relacionada a “ficar rico”. Educação traz sucesso.

Assim, a razão pela qual as crianças gostavam de frequentar as instituições era porque as atividades lhes proporcionavam um diferencial em relação ao seu trabalho monótono habitual.

Embora às vezes se ressentissem das restrições, as crianças desfrutavam da rotina desses espaços, algo que não costumava existir em suas vidas fora do abrigo.

O reconhecimento da infância como construção social gera imagens de crianças em contextos de cuidado e marginalização, obrigando a sociedade a repensar as noções de infância. A ideia de múltiplas infâncias traz à realidade que milhões de crianças podem não estar dentro da zona segura da família, mas ainda precisam de apoio adulto ou social para o desenvolvimento. Uma dessas categorias é a das crianças na rua.

Nesse sentido, alguns setores da sociedade civil criaram organizações para cuidar de crianças que não têm estruturas sociais tradicionais de apoio, como a família. Nessa perspectiva, as ONGs estão intervindo para responder às necessidades e demandas dos setores pobres e marginalizados da sociedade (ROBINSON, 1997). As intervenções por meio de instituições podem ter uma função importante, se forem orientadas para a criança, social e culturalmente contextualizadas e apropriadas ao seu desenvolvimento.

Nessa perspectiva, as intervenções baseadas em centros foram úteis para a categoria mais ampla de “crianças da rua” que abandonaram suas casas, enquanto a intervenção baseada no local é útil para crianças de famílias em situação de rua.

Isso posto, percebe-se que a intervenção das ONGs é uma área importante que precisa ser abordada. O estudo conclui que as ONGs têm desempenhado um papel significativo nos programas para crianças de rua. Eles servem como agentes de mudança, embora lentos e imperceptíveis. As iniciativas estão dando um novo rumo à vida das crianças de rua, abrindo novas avenidas. É preciso entender que o programa deve se adequar à criança, não a criança ao programa (SONDHI-GARG, 2004).

Assim, as ONGs deveriam estar abertas ao diálogo em relação às necessidades infantis, envolvendo as diferentes expressões apontadas por elas. Isso nos remete a Paulo Freire (1989) e a uma importante pergunta, que guarda um fundamental caráter metodológico. Vejamos:

Como se colocar diante da criança?

Colocar-se como pessoa, como agente, respeitando a individualidade da criança, seus valores e suas expectativas. Com autenticidade e verdade, coerência. O importante é saber por quem estamos fazendo opção e aliança. É o oprimido e não o opressor. Estamos do lado do menino, do explorado, do oprimido. Há uma identificação com os interesses das classes populares. E preciso ter cuidado para não invadir o mundo do menor, caso ele não queira ser abordado. Não ultrapassar o espaço vital do menino, que é real, sem que o menino queira, sem que ele permita. Seria violentá-lo. Esperar o "momento mágico" quando o menino se desarmar. Ter paciência histórica para iniciar o processo, para aguardar a plenitude desse momento - o momento em que se descobre o mistério existencial do menino. (FREIRE, 1989, p. 13)

A epígrafe é de Paulo Freire (1989), em uma de suas obras, talvez a que menos circule nos educacionais ou outros espaços. Trata-se da organização de um material oriundo dos encontros com Educadores de Rua, nos idos dos anos 80, século XX, na cidade de São Paulo. Ali se estabelecia um diálogo cujo foco não era a condição messiânica e redentora do educador com esses educandos, que tinham na rua seus albergues, mas a relação e o respeito à existência do outro. Ele próprio nos diz que é necessário “ter a paciência histórica” (ibidem) e poderíamos completar: “Ter a paciência histórica...” para chegar a esse chão que são as suas geografias e, com isso, criar a “plenitude do momento” (ibidem) que forja o diálogo e a unidade da relação vidas, tempos e espaços.

### 3- Terra da Promissão e ciclos

E sobre toda a paisagem do mangue estende-se, agora, um lençol de sombra, negra mortalha recobrimdo todos os corpos dos mortos da revolução fracassada. Dentre eles, enterrado no mangue, deve estar, em qualquer parte, o corpo de João Paulo que, com sua carne em decomposição, irá alimentar a lama que alimenta o Ciclo do Caranguejo. (CASTRO, 1967, p. 177)

A vida de João Paulo se perde nas tempestades criadas pelos homens. Estamos usando aqui o mesmo termo que foi usado por Josué de Castro para intitular o último capítulo de seu livro (“De como João Paulo, ouvindo a tempestade dos homens virou caranguejo”).

Por isso, não podemos falar somente nos fenômenos atmosféricos como os responsáveis pelas agruras do ser humano. Há muitos elementos que são criados pelas ações humanas. É assim que natureza e sociedade se unem e envolvem cada um de nós, habitantes desses muitos territórios que formam a superfície terrestre.

É, assim, que os sons na atmosfera ouvidos naquele momento em Aldeia Teimosa não eram uma criação da atmosfera, mas uma tentativa de revolução, ocorrida no passado do espaço brasileiro e que enterrou definitivamente o corpo dessa criança nordestina. A tempestade não era de água, mas dos chumbos e outros possíveis elementos originários nas armas usadas naquele local. A Terra da Promissão que acolhera aquela família, agora, tinha muitos corpos, inclusive, de crianças. João havia sumido:

As buscas demoraram o dia todo. As turmas se revezavam, sem que surgisse o corpo de João Paulo. Maria e Zé Luiz não se afastaram dos mangues, em sua sôfrega busca, até quase o fim do dia. Só desistiram, extenuados, quando de novo as águas da maré subiram, afogando tudo: os mangues e a lama e as suas últimas esperanças de reaver o corpo do filho. Os companheiros convenceram os pais do menino a voltarem para casa. Formou-se, então, uma procissão fúnebre, que atravessou os mangues acompanhando, não o morto, mas a dor dos pais do morto, até seu mocambo. (CASTRO, 1967, p. 176)

A história de João, assim como de muitas outras crianças, tem origem no movimento, na saída de seus pais da seca que se abateu em anos anteriores à chegada à localidade em que viviam. Na busca de um lugar abrigo, estavam todos ali. Da seca chegaram as terras úmidas, que intensamente encharcavam seus corpos e alma. Uma nova forja na consciência de ser paisagem se constituía na busca da liberdade. Nem sempre o movimento é liberdade, vez que ele, muitas vezes, está é no enraizamento ao lugar. Essa é uma das características singulares da condição migrante e que difere de muitas outras condições espaciais de existir.

Nos enraizamentos que vamos fazendo no viver, nos muitos espaços geográficos, há as forjas desses idiomas espaciais, importantes de serem considerados a quem deseja compreender a vida dos que estão em qualquer tipo de refúgio. Como dito, olhar pelo viés do espaço é garantir a totalidade do processo, do movimento. Em todos eles, há esse permanecer, que se faz na vida, mas também em morte, como é o caso dessa criança, agora ali. Era, definitivamente, uma criança manguê. João Paulo havia encontrado a pausa que a vida em movimento lhe negara.

### Referências

BAKHTIN, M. *Questões de Literatura e Estética*. A teoria do Romance. São Paulo: Hucitec, 2014.

CASTRO, J. de. *Homens e Caranguejos*. São Paulo: Brasiliense, 1967.

ENNEW, J. *Street and Working Children: A guide to planning*. Save the Children: London, 1994.

FREIRE, P. *Educadores de rua – uma abordagem crítica*. Alternativas de atendimento aos meninos de rua. Bogotá: Unicef. 1989.

KAPOOR, A. *Role of Voluntary organisations in the lives of street children*. Masters Dissertation, University of Delhi: New Delhi, 2010.

KRAVTSOV, G. As bases filosóficas da psicologia histórico-cultural. *VERESK – Cadernos Acadêmicos Internacionais*. Estudos sobre a perspectiva histórico-cultural de Vigotski. Brasília: UniCEUB, 2014.

LOPES, J. J. M. *Então somos Mudantes: Espaço, Lugar e identidade em crianças migrantes*. Tese de Doutorado. 2003. Niterói. Faculdade de Educação. Universidade Federal Fluminense. 2003.

LOPES, J. J. M. *Terreno Baldio- um livro sobre balbuciar e criar os espaços para desacostumar geografias*. Por uma teoria sobre a espacialização da vida de bebês e crianças. São Carlos: Pedro e João, 2021.

MANIHARA, S. Street Children: An International Problem. In: *My Name is Today: A Dossier on Children and Children's Rights*. Children and Development Issues, vol II, p. 343-46, 2003.

MCFADYEN, L. *Voices from the street: An ethnography of India's street children*. New Delhi: Hope India Publications, 2004.

MUKHOPADHYAY, B. Crossing the Howrah Bridge: Calcutta, Filth and Dwelling Forms, Fragments, Phantasms. *Theory Culture Society*, nº 23, p. 221, Sage Publications, 2006.

PANDEY, R. *Street Children of India: A situational Analysis*. Chugh Publications: Allahabad-India, 1991.

PANTER-BRICK, C. Nobody's Children? A reconsideration of child abandonment. In Panter- Brick, C.; SMITH, M.T. (Eds.). *Abandoned Children*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 1-26.

ROBINSON, M. Privatizing the Voluntary Sector: NGOs as Public Service Contractors. In HULME, D.; EDWARDS, M. (Eds.). *In NGOs, States and Donors: Too Close for Comfort?* New York: St. Martin's Press, 1997.

SANTOS, M. *A Natureza do Espaço: Técnica, Razão e Emoção*. São Paulo: Edusp, 2003

SILVA, H.; MILITO, C. *Vozes do Meio Fio*. Rio de Janeiro: Editora Relume & Dumará, 1995.

SONDHI-GARG, P. *Street Children: Lives of Valor & Vulnerability*. New Delhi: Reference Press, 2004.

VIGOSKI, L. S. *Sete aulas de Pedologia*. Rio de Janeiro: Epapers, 2018.

VIGOTSKI, L. S. *Obras escogidas*. Tomo IV. Madrid: Visor y A. Machado Libros, 2006.